

PRANDI, REGINALDO. *OS MORTOS E OS VIVOS: UMA INTRODUÇÃO AO ESPIRITISMO*. SÃO PAULO: TRÊS ESTRELAS, 2012, 116 P.

Célia da Graça Arribas<sup>1</sup>

Quando Reginaldo Prandi, um dos principais estudiosos das religiões brasileiras, começou a trabalhar como cientista social no Cebrap, lá pelos idos de 1971, um dos seus primeiros temas de pesquisa foi precisamente o espiritismo, num projeto dirigido por Cândido Procópio Ferreira de Camargo que deu origem às primeiras publicações sobre o kardecismo e a umbanda, segmentos religiosos que ganharam o nome na literatura acadêmica de *religiões mediúnicas* (Camargo, 1961 e 1973). Desde então, Prandi vem trabalhando na área de Sociologia da Religião e conta hoje com diversos trabalhos, dentre os quais podemos destacar os seus estudos sobre o catolicismo carismático (Prandi, 1988), as religiões afro-brasileiras (Prandi, 1996 e 2001), com especial ênfase no candomblé (Prandi, 1991 e 2005), e sobre a dinâmica das religiões no Brasil (Prandi e Pierucci, 1996; Prandi e Barba, 2002). Nenhum deles, porém, havia privilegiado analisar especificamente o espiritismo, tarefa a que Reginaldo se dedicou agora, quarenta anos depois daquele começo, com a publicação de *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo* – mais um em sua extensa lavra de 30 livros, vale dizer.

Com mão leve e preocupado apenas em apresentar em linhas gerais o desenvolvimento do espiritismo no país, o sociólogo oferece ao leitor, de forma isenta e esclarecedora, uma análise sócio-histórica de duas religiões que ganharam lugar no espaço da diferenciação religiosa brasileira: o *kardecismo*, “religião discreta” da classe média, e a *umbanda*, religião tipicamente brasileira que adquiriu em nossa história republicana, aos olhos de uma elite intelectual que se deixou embalar na crença de um “Brasil brasileiro” (Concone, 1987), um significado importante para a compreensão da nossa

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo. E-mail: celiarribas@yahoo.com.br

cultural plural. Mas, embora a umbanda tenha inegavelmente se beneficiado desse *status*, o que Prandi nos fala em seu livro é que ambas as crenças – tanto o kardecismo quanto a umbanda – dizem muito sobre o país. As duas, por essas bandas, se desenvolveram de forma bastante peculiar: uma porque nasceu aqui mesmo, carregando a sina de ser *a* religião nacional; a outra porque tomou uma forma bem brasileira.

Ao se referir, no primeiro capítulo, à crença imemorial em entidades invisíveis, Reginaldo começa o livro ressaltando que é dentro de um contexto mais amplo denominado Movimento Espiritualista – antes de tudo um fenômeno moderno – que podemos entender o surgimento da Doutrina Espírita.

Em meados do século XIX, “fantasmas” rondavam os Estados Unidos e a Europa. Mesas giravam e ruídos estranhos eram ouvidos por pessoas que se reuniam em sessões de entretenimento justamente para assistir ao espetáculo. Um onda de novidades extra-cotidianas percorria a Europa, sobretudo em solo francês. Um grande divertimento para uns, um grande enigma para outros, o fenômeno das “mesas girantes e falantes” reunia frequentadores nos salões europeus em busca de mensagens obtidas através de pancadas produzidas por objetos, que mais pareciam obedecer a alguma força desconhecida e autônoma (segundo capítulo). Em meio a dois polos – a religiosidade espiritualista e as ideias positivistas – encontrava-se Allan Kardec, pseudônimo do pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, fundador, ou melhor, “codificador” de um corpo teórico-doutrinário que propunha entender o mundo e suas relações com o “além” de uma forma bastante inusitada, já que se define, ao mesmo tempo, como uma doutrina filosófica, científica e religiosa.

Durante muito tempo, Kardec defendeu a ideia de ter sido tão somente o compilador de uma doutrina filosófica de efeitos morais, como qualquer outra filosofia espiritualista, negando o caráter formal de religião que o espiritismo pudesse ter à época. Como nos explica Prandi no terceiro capítulo, o postulado principal da doutrina é a crença nos espíritos e na sua imortalidade. O espírito é eterno e evolui através de uma série de vidas, as encarnações. A passagem do espírito pelo mundo material é entendida como uma instância transitória na qual ele tem a oportunidade de evoluir intelectual e moralmente. Os espíritos

nessas condições são chamados de “encarnados”. A reencarnação é um processo cíclico, porém evolutivo, mediante o qual o espírito, ao abandonar seu corpo material através da morte (chamado nesse momento de “desencarnado”), volta ao mundo material em uma nova existência para dar continuidade ao seu progresso. Segundo a doutrina reencarnacionista espírita, as ações realizadas na presente existência, sejam boas ou ruins, sofrem as consequências em vidas posteriores, conforme o princípio da chamada *Lei de Ação e Reação*, muito parecida com a concepção hindu de karma – diferente, no entanto, no tocante à questão da evolução.

As interferências entre os mundos material e espiritual, ou seja, as comunicações entre os espíritos encarnados e os espíritos desencarnados, são levadas a cabo por indivíduos denominados *médiuns*. De acordo com a cosmovisão espírita, existem graduações diversas entre as também diversas habilidades mediúnicas (psicografia, pictografia, vidência, psicofonia etc.), o que faz de alguns médiuns mais desenvolvidos do que outros. Seriam os casos, por exemplo, dos famosos médiuns Chico Xavier, José Pedro de Freitas, o Arigó, e João de Deus, todos lembrados por Reginaldo.

Aportadas no Rio de Janeiro em fins do século XIX, as práticas mediúnicas e os fenômenos das “mesas girantes e falantes” começaram a se alastrar principalmente nas camadas da elite brasileira, mais abertas ao contato com os “seres invisíveis” desde que fosse resguardado o seu caráter experimental e científico – caráter que a seduzia num momento fortemente marcado pela influência do cientificismo (capítulo quatro). Parte dessa elite serviu, portanto, como introdutora do espiritismo em terras brasileiras, emprestando-lhe um grande peso legitimador.

Mas se é fato que o espiritismo, por ter ascendência europeia, trouxe consigo certo prestígio – um prestígio que facilitou sua expansão nas camadas privilegiadas –, sua origem europeia, por outro lado, e o legado dessa origem foram menos importantes do que o fato de o espiritismo ter se desenvolvido de uma maneira bastante particular no Brasil: isto é, de ter se formatado enquanto uma *religião*, e uma religião que enfatiza indelevelmente a prática da caridade como forma de salvação.

Dentre os espíritas mais famosos da época encontrava-se o Dr. Bezerra de Menezes, médico e político de fins do século XIX, um dos responsáveis por enfatizar os aspectos religiosos da doutrina, talvez pelo fato de ter entendido que somente enquanto religião o espiritismo poderia não apenas sobreviver, mas sobreviver de forma legal e legítima num país recém-republicano que, apesar de laico, condenava com base em seu Código Penal as práticas de magia, charlatanismo e curandeirismo frequentemente associadas às práticas espíritas. Coube, portanto, a Bezerra de Menezes e a seu grupo de amigos enfatizar, na obra de Kardec, determinados elementos em detrimento de outros, formatando o espiritismo bem à moda brasileira, como relata Prandi.

Entre os primeiros espíritas, em sua maioria gente letrada – jornalistas, professores, advogados –, boa parte deles era formada por médicos alopatas e homeopatas, pessoas que ajudaram a acentuar a questão da cura no espiritismo (capítulo sexto). Além de ter sido vista como uma das formas de se praticar a caridade, a oferta da cura fazia parte de todo um arcabouço teórico-doutrinário espírita, já que desde sempre, para os espíritas brasileiros, a assistência espiritual confundia-se com assistência material, uma vez que corpo e espírito, intermediados pelo *perispírito*, comporiam uma só unidade e tão-somente enquanto tal deveria ser tratada. A prática de tratamento de saúde, espiritual ou material, tal como ocorreu no Brasil, não se deu na França da mesma época. Por isso que aspectos “curandeirísticos” e caridosos de que se revestiu o espiritismo por essas plagas fizeram a diferença, mesmo porque foi graças à assistência aos necessitados de toda sorte que o espiritismo conseguiu sair do círculo mais restrito de uma elite letrada e atingir as camadas mais populares.

Por outro lado, porém, esse movimento todo só foi possível porque “[...] ao chegar ao Brasil, o kardecismo encontrou uma cultura bastante familiarizada com as ideias de transe como meio de comunicação com os espíritos, de reencarnação e de cura espiritual, que foram assimiladas das religiões indígenas e africanas” (p. 93). Nesse sentido, quando surge a umbanda, na década de 1920, um mundo repleto de crenças já vinha sendo partilhado por muita gente. Só faltava mesmo algum tipo de sistematização, papel cumprido pelos primeiros intelectuais umbandistas (Ortiz, 1988; Brown, 1985).

Consta que a fundação da umbanda teria sido iniciativa de dissidentes de um grupo kardecista, liderados pelo médium Zélio de Moraes, que passaram a ver nos centros de “macumba” um estímulo a novas práticas religiosas. Mas se houve disputas por *status* entre a umbanda e o kardecismo, se entre elas existiram relações tensas de classe e preconceitos de cor, principalmente nas primeiras décadas de existência da umbanda, como nos relata Prandi, isto não significa necessariamente que entre kardecismo e umbanda haja uma nítida distinção. Muito pelo contrário. A linha divisória entre esses dois segmentos é bastante tênue (capítulo oitavo). Até hoje, por exemplo, muitos umbandistas costumam se declarar espíritas, embora alguns kardecistas, ainda que rejeitem a aproximação com a umbanda, muitas vezes se declaram católicos. Aliás, é exatamente por conta dessa particularidade que fica difícil saber exatamente quantos são e quem são os adeptos de cada uma das crenças.

A dupla pertença ou a pertença não declarada, no entanto, não impediu que Prandi nos proporcionasse, em seu último capítulo, uma análise socioeconômica dos adeptos espíritas e umbandistas. Se o espiritismo é uma prática da classe média branca, com elevada renda e escolaridade, a umbanda é adotada, sobretudo, por pessoas da classe média baixa. Assim como seus integrantes, os guias dessa nova religião brasileira têm origens mais abrangentes: indígenas ou caboclos, escravos ou pretos velhos, boiadeiros, ciganos etc.

Seja como for, o denominador comum entre umbanda e kardecismo parece ser a mediunidade usada especialmente para a comunicação com os mortos e para a assistência espiritual ou de cura, muito diferente, portanto, da mediunidade praticada pelas denominações pentecostais e pelo catolicismo carismático, “[...] quando os agraciados com o dom do Espírito Santo, em transe, falam línguas estranhas, um sinal de sua condição de escolhidos de Deus” (p. 101).

À luz do conhecimento sociológico, portanto, Prandi oferece um breve estudo a respeito da dinâmica relacional entre os vivos e os mortos na sociedade brasileira. Despretensioso, apresentando-se apenas como uma introdução, o seu livro atinge um público mais geral, interessado em compreender as religiões no Brasil, mas pode ajudar, também, pesquisadores acadêmicos interessados nos fenômenos religiosos a darem os primeiros

passos na senda espírita, entendendo um pouco mais sobre certas doutrinas muito mais brasileiras do que aparentemente se possa imaginar.

## REFERÊNCIAS

- BROWN, Diana (org.). *Umbanda e Política*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1985.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Kardecismo e umbanda*. São Paulo: Pioneira Ed., 1961.
- CONCONE, Maria Helena Villas Boas. *Umbanda: Uma religião brasileira*. São Paulo: FFLCH/USP-CER, 1987.
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- PRANDI, Reginaldo.. *Herdeiras do axé: Sociologia das religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Os candomblés de São Paulo*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Segredos guardados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Um sopro do Espírito*. São Paulo: Edusp, 1998.
- PRANDI, R.; BARBA, B. (Orgs.). *Sincretismo o africanizzazione?* Gênova: Edizione ECIG, 2002.
- PRANDI, Reginaldo; PIERUCCI, Flávio. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.